

BIOMA

Dois polos de estudo do cerrado serão inaugurados no Jardim Botânico e em Planaltina por iniciativa do governo e da academia

» MARIANNA RIOS
ESPECIAL PARA O CORREIO

As pesquisas sobre o cerrado se encontram dispersas nas universidades, instituições público e privadas e nas organizações não-governamentais (ONGs). Para tentar reuni-las em um extenso banco de dados sobre o segundo maior bioma do país, a Secretaria de Meio Ambiente (Semarh) inaugurou, no começo deste mês, as obras do Centro de Excelência do Cerrado. O prédio funcionará no Jardim Botânico e deverá ser concluído em 2014. As obras estão orçadas em R\$ 8 milhões — recursos da Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste (Sudeco), vinculada ao Ministério da Integração Nacional, de verbas do GDF e de emendas parlamentares.

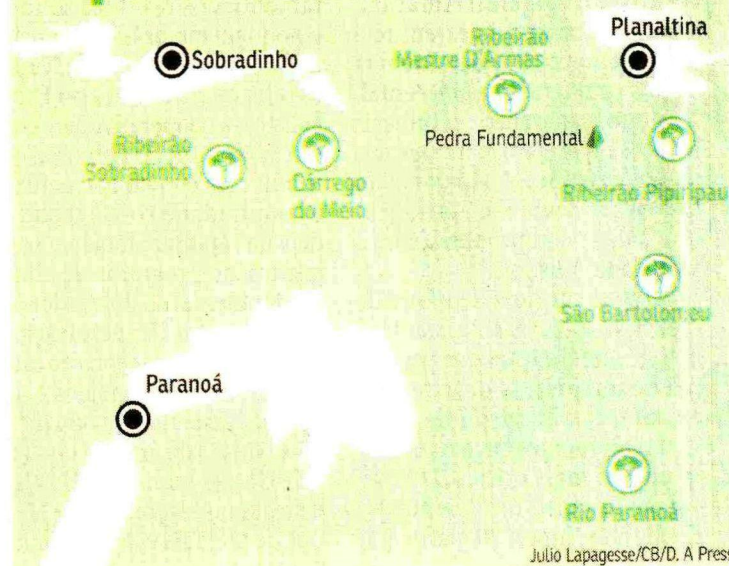
Segundo o secretário de Meio Ambiente do DF, Eduardo Brandão, a ideia é criar um conselho para gerir o espaço, examinar as experiências, arquivar e organizar os estudos. Ele seria formado pela Universidade de Brasília, pelas faculdades particulares, como a Universidade Católica de Brasília (UCB), o Iesb e o UniCeub, e pelas ONGs. “Vamos criar um local para concentrar divulgação e trocar conhecimento sobre o cerrado. Também vamos administrar programas como o Amigos do Cerrado, nos moldes do Amigos da Amazônia”, anuncia.

Na outra ponta do DF, o historiador e professor da rede pública Robson Eleutério, 52 anos, tem uma proposta ambiciosa: criar o **Ecomuseu Pedra Fundamental** em torno do obelisco que marca o local de criação da capital federal, em Planaltina. O espaço irá preservar a vegetação nativa do cerrado presente no quadrilátero que abrange o Núcleo Rural Pedra Fundamental e o Córrego do Meio, em Planaltina, o Núcleo Rural Capão da Erva, em Sobradinho, e o Núcleo Rural Sobradinho dos Melos, no Paranoá. Além disso, poderá servir para aulas de campo para os ensinos fundamental e médio.

“Um grupo de 40 alunos do Centro Educacional Gisno (na Asa Norte) está envolvido no projeto. No futuro, queremos que a história local apareça nos livros didáticos e que o espaço do ecomuseu seja direcionado a novas práticas pedagógicas”, projeta o professor Eleutério. Para isso, ele explica que o ecomuseu pretende reunir pesquisadores das áreas ambiental, histórica e patrimonial para reunirem informações sobre o Distrito Federal. “A região é riquíssima. Lá, tem o Vale do Amanhecer, o Morro da Capelinha, o Instituto Federal de Brasília, o Parque do Pequiizeiro, o encontro das águas...”, enumera.

Concentrar e difundir

Proposta do ecomuseu



Julio Lapagesse/CB/D. A Press

Trâmite

Para o projeto virar realidade, Eleutério criou a proposta de tornar a Pedra Fundamental em Patrimônio Histórico Nacional.

Atualmente, ela está em tramitação no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Já o projeto do ecomuseu foi apresentado, no último dia 14, na Câmara dos Deputados.

Saindo do quadradinho que limita o DF, a UnB mantém o Centro de Estudos do Cerrado, na Chapada dos Veadeiros (GO). Ele existe desde 2010 e surgiu pela demanda da população da cidade goiana de Alto Paraíso. Segundo a diretora do centro, Nina Laranjeira, o local realiza pesquisas sobre o bioma e forma pessoal para conservação e defesa da vegetação. A cada 15 dias, estudantes de biologia, gestão ambiental, história, química, engenharia florestal, veterinária, entre outros cursos, vão ao local fazer pesquisas e passar conhecimento para a comunidade.

A novidade deste ano é a formação de 60 alunos da zona rural e 50 da zona urbana em

agroecologia e educação ambiental. “Queremos investir nos ingredientes do cerrado, nas áreas que possam gerar renda, além de estudar o bioma, a cultura e o turismo sustentável”, cita Nina. A diretora lamenta a escassez de estudos sobre o cerrado. “Ainda é um bioma pouco valorizado. A universidade precisa trabalhar com conhecimento aplicado e, com isso, dar forma para que as pessoas possam sobreviver dele”, alerta. “Não adianta só produzir conhecimento para biblioteca. É preciso revertê-lo em benefício para população”, completa Nina.

Colaborou Cecilia Pinto Coelho

60

Total de alunos da zona rural que se formarão em agroecologia e educação ambiental